

HIYOKO KURISU

A doceria mágica da Rua do Anoi-tecer



ARQUEIRO



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.



**A doceria mágica da
Rua do Anoiecer**



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a

esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

HIYOKO KURISU

A doceria mágica da Rua do Anoi-tecer

Traduzido do japonês por Jefferson José Teixeira



Título original: *Yuyamidori Shotengai – Kohaku Yogashiten*

Copyright © 2022 por Hiyoko Kurisu
Copyright da tradução © 2025 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Edição original japonesa publicada em 2022 pela Poplar Publishing Co., Ltd.
Edição brasileira publicada mediante acordo com a Poplar Publishing Co., Ltd.,
por intermédio da English Agency (Japan) Ltd. e da New River Literary Ltd.

coordenação editorial: Alice Dias

produção editorial: Livia Cabrini

preparo de originais: Sheila Louzada

revisão: Ana Grillo e Juliana Souza

projeto gráfico: Natali Nabekura

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Ana Paula Daudt Brandão

ilustração de capa: Mário Proença

e-book: Pedro Wainstok

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K98d

Kurisu, Hiyoko

A doceria mágica da rua do Anotecer [recurso eletrônico] / Hiyoko Kurisu ;
tradução Jefferson José Teixeira. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2025.
recurso digital

Tradução de: 夕闇通り商店街 コハク妖菓子店

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-741-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção japonesa. 2. Livros eletrônicos. I. Teixeira, Jefferson José. II. Título.

24-94615

CDD: 895.63
CDU: 82-3(520)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Artur de Azevedo, 1.767 - Conj. 177 - Pinheiros

5404-014 - São Paulo - SP

Tel.: (11) 2894-4987

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br



Sumário

Prólogo

1. Balinhas açucaradas da ambição

2. O *wasanbon* da invisibilidade

3. *Monaka* de castanha inocultável

4. Caramelos da substituição

5. Maçã do amor do desejo de confirmação

6. *Mamedaifuku* do adeus



Prólogo

Olá, seja bem-vindo. É raro recebermos a visita de humanos.

Em geral, apenas espíritos, almas penadas ou pessoas com uma existência instável vêm aqui.

Esta é a área comercial da Rua do Anoitecer, situada no final do *kakuriyo*, o reino espiritual. É um lugar esquecido, onde só moram párias como eu e pessoas sem rumo.

Desculpe, não me apresentei. Meu nome é Kogetsu e sou o proprietário da Doceria Mágica Âmbar. É um prazer conhecer você.

Se veio parar aqui, é sinal de que você também está tomado por alguma angústia. E, de tão intensa, ela deve estar tornando sua existência instável.

Como eu sei disso? Digamos que seja intuição.

Ah, vai querer levar esse doce? Por favor, venha até o balcão que eu o embrulho para você.

Por favor, não olhe para os fundos da loja. Ficou curioso com as grandes prateleiras, não foi? Cá entre nós, recomendo que tome cuidado. Sabe como é, a curiosidade matou o gato...

Mas eu desconheço os efeitos provocados pelos doces mágicos de nossa

loja. Portanto siga com atenção o modo de usar e a quantidade que pode ser consumida.

Por fim, um alerta importante: não nos responsabilizamos pelo que pode acontecer.



**Balinhas açucaradas
da ambição**

Meu namorado anda muito distante.

A culpa não é dele, eu sei. Ele tem estudado muito para os exames de admissão na faculdade, mas sinto saudades.

Quase não nos falamos mais. “Acho que vai ficar difícil responder às suas mensagens, porque falta pouco para as provas”, ele me avisou, e eu falei que tudo bem, tentando parecer compreensiva. Não sabia que seriam tantos simulados.

“Agradeça por ter um namorado legal!”, “Você está reclamando de barriga cheia”, minhas amigas me dizem. Elas não entendem.

Sou apaixonada por ele desde o fundamental II. Ele estava um ano acima de mim. Na época, ele era presidente do conselho estudantil e eu o achava descolado, inteligente, sociável.

Estudei muito para entrar na mesma escola de ensino médio que ele, mas durante cerca de um ano eu apenas o admirei de longe, até que tomei coragem e finalmente me declarei. Ainda hoje sinto que foi um milagre ele ter aceitado namorar comigo – sou uma garota comum, sem nada de especial em termos de beleza ou inteligência.

Tudo correu às mil maravilhas durante as semanas das férias de primavera, mas foi só começar o terceiro ano que ele mudou para o “modo vestibulando” e o namoro esfriou.

Nem nos fins de semana saíamos para nos divertir. O tempo que passávamos juntos indo e voltando da escola era precioso, mas, depois que começou o cursinho, ele só vive na sala de estudos, mesmo quando não tem aula.

No fundo, isso é melhor do que na época em que eu vivia um amor platônico, mas minha preocupação agora é muito maior.

Não quero que ele me ache egoísta. Também não quero que me veja

como uma namorada chata e termine comigo.

Mas sinto falta de vê-lo, ouvir sua voz, ter o carinho dele.

Será que estou exigindo demais? Devo ser paciente e apenas esperar as provas acabarem? Estamos em maio, então ainda há dez meses pela frente.

Mas quando ele entrar na universidade, a distância entre nós só vai aumentar. Ele vai conviver com garotas da faculdade ou do estágio e com certeza vai me esquecer. Será o fim do nosso relacionamento.

Não faz sentido eu me forçar a suportar isso por quase um ano, e no fim tudo terminar.

O que devo fazer? Seria ótimo se ele voltasse a ser o namorado carinhoso que era antes sem que eu precisasse tomar uma atitude. Mas isso é impossível – não existe mágica.



Depois da aula, fui caminhando até um santuário próximo à escola. É um local aconchegante e com pouco movimento, um tanto afastado da área residencial. Fica em uma elevação com árvores ao redor, ao final de uma escadaria de pedra.

Eu costumava ir até ali para rezar na época das provas de admissão para o ensino médio e quando decidi me declarar para meu namorado. Nos dois casos deu tudo certo, por isso desde então passei a ir ao local sempre que estava enfrentando um momento difícil. Tinha certeza de que colegas não costumavam fazer muitos pedidos aos deuses, por isso não comentava sobre o meu hábito com ninguém.

As árvores e a escada ficavam dispostas de uma forma que, ao entrar no átrio, o visitante se via num ambiente de total privacidade. Ali eu ficava inalcançável pelos olhares alheios, o que era bastante conveniente.

Deixei cair uma moeda na caixa de ofertas, toquei o antigo sino e uni as mãos em oração. “Que eu e meu namorado permaneçamos juntos por muito tempo. Que nosso relacionamento se fortaleça cada vez mais.”

Enquanto eu desejava isso serenamente em meu coração, pensamentos sombrios começaram a cruzar minha mente.

Será que meu namorado realmente gostava de mim? Será que ele não

estava mantendo o relacionamento apenas para evitar o drama de um rompimento? Talvez ele tivesse me pedido em namoro por pena.

Senti meu rosto esquentar e as lágrimas brotarem.

Eu estava com os nervos à flor da pele. Certa vez, eu tinha lido uma matéria de revista sobre como é chato ter uma namorada grudenta. Eu não queria ser assim. Mas quem é que faz tudo certo em sua primeira experiência amorosa?

Naquele momento, senti uma brisa soprar, trazendo um aroma nostálgico.

– O que é isso?

Para meu espanto, uma clareira se abriu no local onde antes estavam as árvores.

Será que o sacerdote havia mandado cortá-las para que não atrapalhassem a passagem? Mas, se fosse isso, por que limpar somente aquela área?

Um vento vinha daquela direção, trazendo um enigmático aroma de incenso, ou talvez fosse de madeira antiga.

Segurei firme minha mochila e me dirigi até lá, apertando o passo, até vislumbrar por entre as árvores uma paisagem inimaginável.

– Uau...

Era um caminho em linha reta, ladeado por lojas com fachadas de madeira. Lanternas tradicionais, típicas de festivais, pendiam ao longo do caminho.

Uma rua comercial de estilo antigo, banhada pelo laranja do crepúsculo.

– Como assim? – murmurei para mim mesma.

Atrás do santuário havia uma rua? E por que se estendia naquela direção? Era como se o santuário fosse o portão de entrada.

Pressenti algo estranho, mas minha curiosidade falou mais alto, talvez porque o local lembrava muito a estética retrô da Era Showa que eu vira em um filme. Então fui em frente.

Em vez de asfalto, o caminho era coberto por uma areia endurecida pontilhada de seixos.

As lojas, que dificilmente poderiam ser descritas como limpas, estavam quase todas fechadas. Em algumas delas havia uma placa indicando “Fechado”, enquanto outras cerravam as portas pouco antes de eu passar. Havia algo esquisito ali.

Era um pouco assustador não saber pelas fachadas e vitrines o que as lojas vendiam. Em algumas, o letreiro não estava sequer em japonês. Sem iluminação pública, as lanternas suspensas vermelhas e brancas se destacavam, parecendo tão irreais que me provocavam arrepios.

Mesmo assim segui em frente, sem entender bem por quê. Será que minha angústia estava me levando a ter aquele comportamento tão diferente do normal? Em geral sou medrosa, do tipo que não entra sequer na casa mal-assombrada de parques de diversões. Se meu namorado estivesse ali, eu o teria puxado pelo braço e implorado para darmos meia-volta. Talvez.

Quase no final da rua, finalmente avistei uma loja com as luzes acesas. Parecia mais limpa e acolhedora que as demais. Era antiga, mas bem cuidada, com paredes de madeira cor de âmbar e decorada com lanternas de papel cor de pêssego. Havia um visor de vidro na porta de madeira com ornamentos tridimensionais.

No letreiro estava escrito a pincel: DOCERIA MÁGICA ÂMBAR.

Por que esse nome? Será que havia doces mágicos ali? E por que a loja fechava no “primeiro dia de lua nova e no primeiro dia de lua cheia”, conforme dizia a placa na entrada?

Bem, pelo menos uma doceria não tentaria me empurrar produtos caros. Eu já estava mesmo querendo comer um docinho e, pensando assim, abri a porta. *Nheec...* Ao som do rangido, o interior fracamente iluminado da loja se descortinou diante de meus olhos.

À luz das luminárias do teto, espalhadas desordenadamente sobre uma mesa que batia na minha cintura, havia doces típicos japoneses, como *daifuku* e *manju*, e outros mais comuns e baratos, como balas, confeitos e caramelos.

– Seja bem-vinda. É raro recebermos a visita de humanos.

Levei um susto com a voz que veio da escuridão. Olhei para os fundos da loja e vi um lindo rapaz de cabelos loiros vestindo um *hakama* tradicional. Devia ter uns 25 anos. De estreitos olhos dourados e pele alva, não aparentava ser japonês. Por um instante tive a impressão de ver, por sobre seus cabelos de tamanho médio, orelhas marrom como as de uma raposa. Mas devia ter sido impressão minha, claro.

– Boa tarde... Como assim não recebem muitos humanos?

Os cantos da boca do rapaz se elevaram ligeiramente. Esse esboço de sorriso o fez parecer um fantoche elaborado.

– Aqui é a área comercial da Rua do Anoitecer, a fronteira entre o mundo real e o mundo dos espíritos. Apenas almas penadas, espíritos ou seres humanos com uma existência instável, como você, vêm até aqui.

– Como é que é?

A explicação me surpreendeu, mas logo entendi. Devia ser o conceito da loja, de utilizar um cenário de fantasia e proporcionar uma experiência como a de parques temáticos.

Eu sabia que nos últimos tempos vinha aumentando o número de cafés e lojas do gênero, mas era difícil imaginar que um estabelecimento daquele tipo num local tão remoto caísse nas graças do público.

– Desculpe, não me apresentei. Meu nome é Kogetsu e sou o proprietário da Doceria Mágica Âmbar.

Ele me saudou com um aceno de cabeça. Sua voz era contida e um pouco aguda para um homem.

– Hã... prazer. Você é uma raposa? – perguntei, suspeitando que as orelhas fossem parte de um traje de cosplay.

Não pude deixar de comentar, afinal, talvez eu fosse a primeira cliente em muito tempo e o rapaz estivesse entusiasmado para fazer sua encenação.

– Só metade – disse ele. – Você é perspicaz.

– Metade? – falei, esperando que ele explicasse, mas Kogetsu não falou mais nada.

Tentei outro caminho:

– E por que a loja fecha nos primeiros dias de luas nova e cheia?

– Como tenho uma existência intermediária, não me sinto bem quando o poder lunar é muito forte ou muito fraco. Então fecho a loja para descansar – respondeu ele.

Será que isso tinha algo a ver com o que ele havia dito sobre ser “metade raposa”? Bem, se ele descansava apenas dois dias por mês, era natural que se sentisse cansado... Parecia não haver outros funcionários. Ele devia gerenciar a loja sozinho.

Que desperdício, um homem tão lindo administrando uma loja tão vazia, eu pensava, enquanto observava os produtos expostos.

– Quando nos encontramos em uma existência instável, é por algum motivo. Você está angustiada com alguma coisa, não está?

Ao ouvir isso, quase deixei cair o pote de balas que tinha pegado de uma prateleira.

– C-como você sabe?

Automaticamente me virei, fitando os olhos dourados de Kogetsu. Seus cílios eram da mesma cor e incrivelmente longos.

– Experiência e intuição – disse ele apenas. – Ah! Vejo que você gostou dessas balinhas açucaradas.

– Eu... bem...

Ao ver que eu segurava o pote redondo e transparente de *konpeitos* coloridos, Kogetsu abriu um sorriso. Em diferentes tons de lilás e azul-claro, as balinhas pareciam hortênsias. Eram muito lindas, mas não foi a cor o que me chamou a atenção.

– Fiquei intrigada com o nome...

Todos os doces à venda tinham algum acréscimo incomum. Em vez de serem apenas *mamedaifuku* ou *dorayaki*, tinham algum tipo de elemento modificador. Os que eu tinha pegado eram “balinhas açucaradas da ambição”. Eu me questioneei se as escolhi por ser uma pessoa ambiciosa.

– Essas balas fazem pequenas coisas boas acontecerem quando você as come. Mas só pode comer uma por dia. – Ele disse isso levando o dedo indicador aos lábios como se contasse um segredo.

– Ah, entendo – falei. – Essa é a razão da “ambição” no nome, então. Mas não é difícil comer apenas uma por dia?

– De fato... Mas não nos responsabilizamos por nada que aconteça caso você infrinja a regra.

Meu coração começou a bater forte e acelerado. Kogetsu tinha uma expressão fria no rosto.

O que ele queria dizer com aquilo? Seu ar de mistério era tão convincente que quase achei que fosse verdade aquela história de doces que faziam coisas acontecerem.

– Vou levar estas.

Para disfarçar o nervosismo, entreguei a Kogetsu a embalagem como se minha escolha fosse casual, como se não tivesse nada a ver com aquela fantasia que ele tinha criado.

As balas eram lindas e pareciam deliciosas. E custavam apenas 300 ienes.

O balcão tinha uma caixa registradora antiga, daquelas cujo funcionamento é totalmente mecânico. Kogetsu colocou a embalagem de balas em um saquinho de papel cor sépia.

– Obrigado. Não se esqueça: apenas uma por dia. Siga com atenção o

modo de usar e a quantidade.



Já em casa, no meu quarto, ao olhar de relance para as balas, fiquei pensando naquela loja estranha. Talvez o proprietário fosse vidente ou algo assim. Isso explicaria o ar misterioso e toda a dramatização.

Hum, será que devo experimentar uma?

Eu tinha acabado de jantar e ainda não escovara os dentes.

Então levantei da cama e peguei o pacote, que eu havia deixado sobre a escrivaninha. Despejei todo o conteúdo na palma da mão.

Então me lembrei do aviso de Kogetsu.

Devolvi quase todas as balas ao pote, deixando apenas uma comigo. Não que eu estivesse com medo. *Vou entrar no clima*, falei para mim mesma.

Quando a coloquei na boca, senti se espalhar pela língua uma doçura muito mais intensa que de açúcar puro. Era muito doce, porém com um toque de menta que não deixava ficar enjoativa. Que tortura ter que comer apenas uma.

Bem... Não sou mais criança para acreditar em feitiços, mas até que seria uma grande sorte se, por apenas 300 ienes, algo bom acontecesse.

Quando me sentei na cadeira para terminar o dever da escola, meu celular soou na cabeceira da cama. E não era a notificação de uma mensagem de texto, mas o toque de um telefonema.

Peguei o aparelho às pressas quando vi na tela o nome do meu namorado.

– Alô. É você? – De tão nervosa, minha voz falhou um pouco.

– Kana? Está ocupada?

– Não, não estou. O que houve? É raro eu receber uma ligação sua...

– O simulado acabou agorinha. Podemos conversar bastante hoje!

Ele estava muito animado, sua voz repleta de confiança.

– Sério? Que legal!

– É sempre você que me liga, então fiz questão de telefonar.

Me emocionei com aquelas palavras.

Na maioria das vezes ele apenas me ouvia, mas hoje estava disposto a

conversar de verdade. Eu adorava quando ele ria das minhas histórias bobas – quando eu contava uma bobagem que o professor tinha dito durante a aula, por exemplo, ou algum incidente que tinha acontecido na minha turma.

Naquela noite, passamos mais de uma hora conversando e nem vi o tempo passar. Quando desliguei, estava me sentindo nas nuvens.

Apertei o celular contra o peito, suspirando apaixonada. Fazia um bom tempo que eu não me sentia tão feliz.

Será que a bala tinha mesmo...?

Olhei de novo para o pote, quase sentindo de novo a doçura na ponta da língua.

Não, era impossível. Tinha sido pura coincidência.



No dia seguinte, mesmo convencida de que era tudo bobagem, comi uma balinha antes de ir para a escola. Só uma.

Mal cheguei à minha sala e fui chamada no corredor por uma menina de outra turma, algo raro de acontecer. No ano anterior, nós duas tínhamos sido mesma turma, e depois continuamos amigas, mas só nos falávamos por mensagens. Acenei para ela, entrei na sala rapidamente para deixar a mochila e voltei ao corredor.

– Oi! Há quanto tempo a gente não se esbarra por aqui! Tudo bem?

– Eu trouxe uma surpresa para você, Kana. Toma!

Ela me entregou, toda sorridente, um par de ingressos de cinema. Eram de um filme inspirado em um anime da TV que vinha sendo muito comentado antes mesmo do lançamento.

– Caramba! Mas por que isso?

Ela deu um risinho.

– É que eu comprei muitas coisas que dão ingressos para pré-estreias como brinde. Como não consigo ir em tudo, pensei em te dar alguns. Seu namorado não é fã desse anime?

– É, sim.

Eu nem me lembrava de ter conversado sobre isso com ela. Tinha visto o

anime só para ter assunto com meu namorado.

– A pré-estreia no cinema vai ser no sábado. Vão vocês dois!

– Ah, obrigada!

Fiquei emocionada. Minha amiga então fez um aceno, como se dissesse “Imagina!”, depois se despediu e seguiu para sua sala.

Eram dois ingressos. Na mesma hora mandei uma mensagem para meu namorado. Expliquei que tinha ganhado os ingressos de uma amiga, e ele logo respondeu que seria perfeito, pois no sábado não teria aula no cursinho.

Eba! Depois de tanto tempo, finalmente íamos sair!

Minha vontade era sair dando pulinhos pelo corredor, mas me segurei.

No dia anterior tinha sido a ligação do meu namorado e hoje também havia acontecido algo bom que eu não esperava. Ainda tentei me convencer de que eram apenas coincidências, mas confesso que o efeito mágico das balas começava a ter um gostinho de verdade.

“Essas balas fazem pequenas coisas boas acontecerem quando você as come!”

Fiquei relembando a misteriosa atmosfera da Doceria Mágica Âmbar e a beleza irreal de Kogetsu. Qualquer um que entrasse naquela loja iria querer acreditar em qualquer pequena possibilidade que fosse.

Não que eu estivesse me agarrando a algum tipo de feitiço, mas, enquanto “pequenas coisas boas” continuassem a acontecer, decidi acreditar no poder das balas.

Desde então tenho vivido uma sucessão de dias ótimos. Minha sorte se manteve: ganhei um sorteio numa loja, caíram na prova questões idênticas às que eu havia feito na véspera, e muito mais. Foram todas coisas pequenas, mas suficientes para dar um colorido de alegria à minha vida monótona de estudante.

O cinema foi perfeito. Meu namorado até me deu de presente uma lapiseira igualzinha à dele, “para eu não me sentir sozinha até os exames acabarem”. Era de um estilo mais simples e adulto do que as minhas, que em geral têm ilustrações de personagens de anime. Um presente inesperado num dia que não era uma data comemorativa me fez derramar lágrimas.

– Não imaginei que você fosse ficar tão feliz com o presente – disse meu namorado, surpreso.

No final de maio, chegou a época das provas de encerramento do

primeiro período escolar.

Desde o anúncio da matéria que cairia nas provas, passei a notar os alunos na biblioteca e na sala de estudos mais tensos e parei de receber mensagens e ligações do meu namorado. Ali estava eu novamente precisando me segurar para não atrapalhá-lo com a minha ansiedade.

Durante o período de provas também aconteceram pequenas coisas boas, porém fui vencida pelo estresse dos exames e pela solidão de não poder conversar nem estar com ele. A essa altura, eu já tinha me acostumado com a rotina de sorte.

Eu estava muito cansada durante a última prova, suspirando enquanto resolvia as questões com a lapiseira que ganhara de presente. Talvez por ter me dedicado muito aos estudos para aliviar o tédio da solidão, tive um bom desempenho e não precisei ouvir reclamações de que namorar estava fazendo minhas notas caírem.

No último dia de aula, eu deveria estar me sentindo livre, mas meu coração permanecia pesado. Dali em diante haveria testes periódicos no cursinho do meu namorado e ele estaria ocupado se preparando. Lá, as turmas eram separadas por níveis, e quando o aluno tinha resultados ruins nos testes, era automaticamente transferido para uma turma de nível mais baixo.

No entanto, há uma diferença entre o inevitável e o intolerável.

Voltei para casa e deitei na cama, desanimada. Apesar de as provas terem acabado, eu não tinha vontade de fazer nada, nem mesmo ver TV ou ler um mangá.

Peguei o pote de balas e fiquei brincando com ele na palma da mão. Como eu vinha comendo uma por dia, já estava quase na metade.

Eu também estava um pouco decepcionada por me dar conta de que algumas coisas não podem ser resolvidas com pequenas alegrias. No início tinha me sentido invencível, mas agora não sentia mais tanto prazer.

De repente a voz de Kogetsu me veio à mente: “Mas você só pode comer uma por dia.”

Eu vinha obedecendo fielmente essa regra, mas e se...? Kogetsu não tinha dito exatamente o que aconteceria caso eu comesse mais de uma no mesmo dia.

Se com uma por dia acontecia uma pequena alegria, então, se eu

consumisse várias, teria uma surpresa fantástica, não? Esse pensamento não saía da minha mente.

Ignorando o motivo da proibição, foi ficando cada vez mais forte em mim o desejo de experimentar.

“Vá em frente, coma!”

Bastou o diabinho em meu coração sussurrar isso para que eu abrisse o pote, colocasse um punhado de balas na palma da mão e enfiasse todas na boca.

Minha boca estava tão cheia que eu mal conseguia mastigar. O sabor era tão doce que meus olhos marejaram.

Restaram poucas balas no pote, mas não me arrependi. Pelo contrário: sentia a mesma satisfação de quando nos enchemos de bolo para aliviar o estresse.

– Kana! Vem jantar! – ouvi minha mãe chamando do andar de baixo.

– Já vou!

Quando cheguei à sala, vi sobre a mesa de jantar meu prato predileto: frango cozido no molho de tomate, acompanhado de *taramo*, uma salada de purê de batatas com ovas de bacalhau. Minha mãe raramente faz essa salada, alegando que “demora muito”.

– Que delícia, meus pratos preferidos! – exclamei, me sentando.

Minha mãe riu baixinho.

– Hoje não foi o último dia de provas? Fiz um jantar especial como recompensa por você ter se dedicado tanto aos estudos.

– Ah... Obrigada, mãe.

De fato, dessa vez eu tinha me dedicado por inteiro, mas me senti culpada por esconder da minha mãe a verdadeira razão. Seria meio constrangedor pedir conselhos a ela sobre como melhorar meu namoro.

Além do mais, tudo tinha sido efeito das balas. Quer dizer, eu só tinha dado sorte. Mas será que dali para a frente coisas maiores aconteceriam?

Meu pai chegou e se sentou conosco à mesa para jantar.

Em determinado momento, ele comentou, apontando para a TV ligada no noticiário.

– Vejam, isso é aqui na nossa cidade, não é?

– Hã?

Olhei para a TV. Na tela aparecia o nome de um curso que me era familiar.

– Caramba, o curso vai ser fechado por um tempo, por suspeita de fraude – comentou minha mãe. – Que horror! Algum amigo seu estuda lá, Kana? Kana?

Eu já não ouvia. O tal curso da notícia de suspeita de fraude era o do meu namorado.

– Não pode ser... – murmurei.

Meus pais se assustaram com minha expressão estarecida. Fiquei pálida de repente. Nem consegui terminar de comer.

Quando eles insistiram, querendo saber por que eu estava daquele jeito, disfarcei:

– Só estou muito cansada, depois de tantas provas.

E fui para o meu quarto.

Desabei na cama, sentindo um arrepio por todo o corpo.

Aquilo também tinha sido por causa das balas? Por minha causa o curso do meu namorado talvez fosse fechado?

Eu havia pensado algumas vezes que, se não fosse o curso preparatório, nós dois poderíamos nos encontrar mais vezes. Voltaríamos juntos depois das aulas, nos falaríamos mais...

– Não... Não pode ser...

Eu nunca quis que acontecesse algo tão sério.

O celular apitou, informando o recebimento de uma mensagem. Peguei o aparelho morrendo de medo. Era do meu namorado.

O texto era conciso, nem parecia o estilo dele: “O curso vai ficar fechado por um tempo. Passou a notícia na TV.” Também não tinha nenhum emoji. A mensagem transmitia um profundo desânimo.

Sem vontade de telefonar para ele, mandei uma mensagem falando que tinha visto a notícia e que estava preocupada.

Eu estava com medo. E o que aconteceria no dia seguinte? Será que tinha sido o efeito final das balas? Eu tinha comido muitas, então é claro que não acabaria por aí.

Não quero que mais nada de bom aconteça. Quero que esse efeito pare. Pensando assim, fui dormir tremendo.



Dia seguinte. Como não teria que ir para o curso, meu namorado me convidou para voltar com ele depois das aulas.

– Ainda não se sabe o que vai acontecer, mas se o curso fechar, vou procurar outro – disse ele, seco.

Mas era visível que ele estava tentando aparentar uma tranquilidade que não sentia. Embora risse do que eu falava e agisse naturalmente, no momento em que paramos de conversar eu vi de perfil seu rosto sério e pensativo.

Chegando à parte do caminho em que nos separaríamos, ele me convidou para estudarmos juntos na biblioteca no final de semana. Normalmente, eu teria ficado feliz com a ideia de passarmos um tempo juntos depois das aulas, ainda mais sendo fim de semana, mas não fiquei nem um pouco empolgada. De nada adiantaria ficarmos juntos se ele estivesse chateado.

Me lembrei das palavras de Kogetsu me advertindo a consumir apenas uma bala por dia. “Não nos responsabilizamos pelo que pode acontecer...”



Seria aquilo algum tipo de castigo? Um alerta para mim, que não conseguira me satisfazer com pequenas coisas boas e desejava que tudo se desenrolasse para minha conveniência?



Passei o dia temerosa, mas me senti um pouco aliviada quando as aulas terminaram.

Eu não tinha comido nenhuma bala, nem no dia anterior, e nada aconteceu. Talvez o efeito tivesse realmente passado. Com medo de deixá-las em casa, eu colocara o pote bem no fundo da mochila, e suspirei aliviada ao ver que ainda estava ali.

O resultado das provas, anunciado hoje, também estava dentro do que eu esperava em termos de notas e classificação. Fiquei feliz por ter tirado

uma nota mediana em matemática, matéria em que sou fraca, mas ao mesmo tempo lamentei minha classificação baixa apesar de todo o meu esforço. Para me sair melhor, não adiantaria me empenhar somente na semana anterior às provas. Desanimei ao me dar conta de que não seria fácil entrar numa universidade.

Mas meu namorado estava empenhado desde que começara o terceiro ano e eu tinha certeza de que ele havia se saído bem.

No entanto, a expressão no rosto dele ao chegar ao nosso encontro, no portão da escola, era sombria.

– Kana, o resultado saiu? – ele foi logo perguntando.

– Ah, sim... Fiquei com uma classificação baixa, mas melhor do que na prova anterior. E você?

– Recebi o resultado ontem. Minhas notas melhoraram, mas caí na classificação geral.

Eu não esperava ouvir aquilo. Fiquei até sem palavras por alguns segundos.

– Sério? – consegui enfim expressar. – Mas você estudou tanto!

Ao contrário de mim, que só estudara de véspera, ele vinha se esforçando havia um bom tempo.

– Isso mostra que desde o início do terceiro ano não fui só eu que me empenhei. Foi ingenuidade minha achar que estaria garantido só por frequentar o curso...

Seu tom era autodepreciativo. De fato, desde que passaram para o terceiro ano os estudantes haviam mudado drasticamente. Ele sabia que não era o único a se esforçar. Mas também não podia prever aquele resultado.

– Pelo jeito que as coisas estão indo, é bem provável que eu precise desistir da minha primeira opção de faculdade e partir para outra. Se eu não conseguir entrar numa universidade pública, talvez eu não possa continuar os estudos.

– Não diga isso!

Instintivamente, minha voz se elevou. Ele já havia me contado que não tentaria faculdades particulares porque a família não teria como arcar com as mensalidades, mas por algum motivo eu acreditava que as coisas se ajeitariam porque, ao contrário de mim, ele é brilhante.

– Desculpa, estou sendo muito negativo – disse ele. – Confiei muito no curso, e talvez eu esteja mais tenso do que imaginava.

Ele falava com bom humor, mas seus olhos não sorriam. Era a primeira vez que eu o via assim. Notei também que ele estava com olheiras e com os cabelos desarrumados.

Eu me orgulhava de ter um namorado legal e sempre bem cuidado. Será que estava tentando me iludir, me fazer acreditar que ele era uma pessoa perfeita? Que para isso se mostraria forte em qualquer situação, sem jamais se queixar?

A realidade não era bem essa. Ele era um estudante colegial como eu, apenas um ano mais velho. Não havia como manter a serenidade após a notícia sobre o curso e sem ver resultados de todo o seu esforço.

– O que houve, Kana?

Ele me olhou espantado. Sem me dar conta, um turbilhão de lágrimas descia pelo meu rosto.

– Eu... Talvez seja tudo culpa minha.

Senti um arrepio e abracei meu próprio corpo, trêmula.

– Kana?

– Todo esse incidente envolvendo seu curso é culpa minha!

Eu soluçava. Meu namorado me conduziu pela mão até uma ruazinha pouco movimentada.

– Por que está dizendo isso? Fique calma e me explique.

Entre soluços, contei tudo sobre as balas misteriosas que comprara, sobre as várias coisas boas que tinham acontecido desde então, dos ingressos para o cinema. Tudo.

– Mas mesmo assim não me dei por satisfeita... Quebrei as regras e comi um montão de uma vez só! Só podia uma por dia!

Meu desejo era voltar no tempo. Se eu pudesse, me impediria de comer aquele monte de balas de uma só vez, mesmo que para isso precisasse jogar tudo fora.

– Tudo por culpa da minha ambição! Não pensei que poderia fazer mal a você, só queria que a gente fosse feliz junto... Eu não conseguia entender que de nada adianta estar com alguém se a pessoa ao meu lado está infeliz... Me perdoe!

Despejei tudo de um só fôlego, quase sem respirar, e me agachei, segurando a mochila junto ao peito. Não tinha forças para permanecer de pé.

– Kana...

Ele parecia refletir, o semblante sério, sem zombar de mim nem se mostrar decepcionado.

– Você ainda tem essas balas?

– S-sim... Estão aqui comigo. Tive medo de deixá-las em casa.

Abri a mochila e peguei as balas que haviam sobrado. Meu namorado pegou o pote e observou com atenção o número de balas reduzido a ponto de dar para ver o fundo.

Será que ele acreditava em mim? Não seria nada estranho se ele gargalhasse daquela história tão absurda.

– Parecem balas comuns... Não tem etiqueta nem nada...

Ele abriu o pote e o levou ao nariz.

– Cheiro de menta – sussurrou. – Quer dizer que se comer uma por dia algo bom acontece?

– Aham.

Ele enfiou rapidamente a mão e, antes que eu pudesse impedi-lo, colocou uma bala na boca.

– Não, não faça isso! É impossível prever o que pode acontecer!

Me levantei apressada e arranquei o pote da mão dele.

– Calma – disse ele. – Se eu respeitar a regra de uma por dia, só vão acontecer coisas boas, correto?

– Sim, mas... mas...

Enquanto eu o observava, preocupada, mastigar a bala, o celular dele tocou.

– Desculpa, é o meu... É uma ligação do curso.

Ele pegou o celular do bolso da calça e, me pedindo licença, atendeu.

– Alô. Sim... Sim... Ah, sério!?

Eu não ouvia o que a pessoa do outro lado dizia, mas a voz do meu namorado se elevou e uma expressão de surpresa irrompeu em seu rosto.

Depois de desligar, ele se virou para mim e disse, radiante:

– Boas notícias! Falaram que a suspeita de fraude foi afastada e o curso reabre amanhã.

– Quê? Sério!? Isso é ótimo!

Pela notícia do dia anterior, não imaginei que as coisas fossem se resolver tão rápido. Ele estava corado de alegria.

– Vou me esforçar mais no curso. Preciso melhorar minha classificação geral.

– Sim... Que bom que tudo se resolveu logo.

Será que tinha sido por causa da bala?

Eu deveria ter feito isso desde o início. Se eu queria que nosso relacionamento melhorasse, nós dois deveríamos comer as balas. Mas não. Só pensei em mim mesma e nem me dei conta de que a solução era simples.

– Se o problema do curso foi resolvido, agora você não precisa mais se preocupar, certo?

Ele estendeu a mão, me chamando. Continuei de pé, parada que nem uma estátua.

– Eu finalmente entendi – falei. – Não sou uma boa namorada para você.

Ele ficou imóvel. Então, pronunciando as palavras lentamente, com o rosto distorcido pela dor, disse:

– Isso quer dizer... Você... Você não gosta mais de mim?

– Claro que gosto! Mas estou com muita raiva de mim mesma.

Ao cerrar as mãos, senti as lágrimas voltando.

– Eu te amo. Mas tenho medo de deixar minha ambição falar mais alto de novo e lhe causar novos transtornos... Eu me dei conta de como sou egoísta e infantil.

Ele me encarava. Enrijeci o corpo, me preparando para quando ele dissesse “Entendi. Vamos terminar, então”, mas ele meneou a cabeça.

– Não. Eu também fui egoísta. Sabia que precisaria me dedicar integralmente aos estudos, mas não consegui dizer não quando você me revelou o que sentia por mim. Eu queria as duas coisas: me sair bem nas provas e ter você na minha vida.

– Mas...

– A gente se conhece há anos e eu sempre fui a fim de você. Você é encantadora.

De repente enrubesci e baixei o rosto. Não sabia que ele gostava de mim fazia tanto tempo quanto eu.

– No fim das contas, foquei tanto nas minhas próprias preocupações, nos meus medos, que não percebi que você se sentia sozinha. O ambicioso sou eu!

– Eu não imaginava ... Você sempre me pareceu tão calmo e seguro...

– Eu fazia de tudo para parecer tranquilo. Agora você vai me achar um fraco por eu ter falado essas coisas...

Naquele momento, ao vê-lo dar um sorriso melancólico, finalmente

entendi que ele era um rapaz como qualquer outro, com medos e desejos, tristezas e alegrias.

– Não mesmo – falei. – Isso só me faz gostar ainda mais de você.

– Jura?

– Daqui para a frente, vamos resolver nossos problemas conversando, sem precisar de balinhas mágicas.

Enquanto eu me segurava para não chorar outra vez, ele me puxou levemente para si e me abraçou.

Seu peito, com a diferença de altura entre nós, permitia que eu me aninhasse nele, e me emocionei ao abraçá-lo.

Depois de alguns instantes abraçados em silêncio, nos separamos.

– Daqui em diante... em vez de sofrer sozinha, vou ser sincera com você.

– Fico feliz em ouvir isso.

Eu queria ser uma namorada compreensiva, tinha medo de que ele me achasse uma chata, e acabei metendo os pés pelas mãos. Esse foi o meu maior erro. Com certeza há muitos problemas que não posso resolver sozinha, mas que podemos solucionar juntos.



O que aconteceu depois? Não comi as balinhas restantes, preferindo distribuí-las. Dei uma para cada pessoa da minha família e para amigos. Quando eu dizia que “Essa bala faz algo de bom acontecer”, todos ficavam animados, como se tivessem tirado a sorte grande.

É com esse tipo de sentimento que as balas devem ser consumidas. O simples fato de pensar no que pode acontecer de bom é divertido, e o próprio ato de imaginar isso é uma “pequena coisa boa” que se torna realidade.

– Tem certeza? – disse uma colega de turma, olhando para a bala sem colocá-la na boca. – É um item de sorte e você está abrindo mão dele.

– Tenho certeza. Quero que todos experimentem.

Para mim também será uma felicidade que uma “pequena coisa boa” aconteça para as pessoas de quem gosto.



Nesse dia, fui novamente ao santuário após as aulas. O caminho que se abria depois do átrio havia desaparecido. Árvores e grama haviam crescido novamente no espaço aberto.

Eu me questionei se a rua que percorrera naquele dia era real, se a Doceria Mágica Âmbar existia de verdade.

Talvez alguém astuto como uma raposa tenha me feito de boba.

Enquanto eu sussurrava isso para mim mesma, me veio à mente Kogetsu franzindo o cenho e exclamando: “Que ultrajante!”



No telhado do santuário onde a moça está, a silhueta de alguém é banhada pelo sol poente. Alguém que veste um *hakama* e tem orelhas e cauda de raposa.

– Na realidade, mesmo comendo um monte de balas de uma só vez, o máximo que acontece é uma pequena coisa boa, mas nada de ruim. Será que exagerei? – murmura Kogetsu.

Mas sua voz é alegre e ele não demonstra sinais de remorso.

– Quando alguém se sente culpado, atribui ao próprio comportamento qualquer coisa ruim que aconteça. Curioso.

Kogetsu semicerra os olhos. Sua cauda se movimenta, como se o ajudasse a refletir.

– Bem, vou fazer como de costume.

Quando ele ergue a mão no ar, o recipiente das balas sai flutuando da mochila da moça e, brilhando, vai pousar em sua mão.

– Mas quando se dá conta da própria ambição, o ser humano acaba repensando suas ações. É muito interessante.

Ele pega a única bala que resta no pote e sopra de leve. Num instante a cor lilás é revestida por um brilho âmbar.

– Agora tenho a amostra de mais uma emoção. Ainda preciso reunir mais.

Ao ver a moça vasculhar o interior da mochila e inclinar a cabeça em dúvida, Kogetsu desaparece com um leve sorriso no rosto.

**O wasanbon da
invisibilidade**



– **M**uito prazer. Meu nome é Koguma e vou atender vocês.

Quando me apresentei e entreguei meu cartão de visita, o casal se segurou para não rir.

No cartão estava escrito Ayumu Koguma, da imobiliária Yamato.

Ao ler meu nome, quase todos imaginam um ursinho (*koguma*) caminhando (*ayumu*).

– Que nome simpático! – comentou a mulher.

– He he... – fiz. – É incomum, não? Sempre me dizem isso.

Repliquei dessa forma, mas sei que eles não estavam rindo por ser um nome bonito ou simpático.

Quando fui designado para trabalhar nesta filial da empresa, o gerente me deu uns tapinhas no ombro e disse: “Rapaz, chega a ser injusto ter um nome desse com a sua aparência. Mas é excelente para quebrar o gelo com os clientes!”

Sou pequeno e gorducho. Meu rosto é redondo e com feições um tanto infantis, que nem o de um ursinho ávido por mel – como o famoso personagem de livros infantis.

Eu poderia compensar isso se fosse ousado o bastante para rir de mim mesmo ou extrovertido e comunicativo. Mas não sou assim. E odeio a minha aparência.

Fui uma criança alegre, que não ligava para nada disso. A partir de um incidente na escola, passei a ficar num canto da sala de aula, me escondendo.

O que aconteceu foi que certo dia, na saída da escola, me dei conta de que havia esquecido algo na sala. Quando estava voltando, vi um grupo de alunas lá dentro, entre elas a menina de quem eu gostava. Deu para perceber

que elas estavam falando sobre assuntos amorosos. Fiquei por ali e ouvi tudo por trás da porta, apesar de saber que era errado.

Elas fofocavam sobre os garotos da turma. Uma delas lançou:

– O que acham do Koguma?

– Koguma? Eca! Aquilo não é um garoto, parece que está fantasiado de mascote.

Quem disse isso gargalhando foi justamente a menina de quem eu gostava.

Aquilo não é um garoto, parece que está fantasiado de mascote. Ao ouvir isso, pela primeira vez me dei conta de que minha aparência era motivo de chacota.

Com minha autoestima ferida, minha juventude se tornou sombria a partir daí. Para evitar ser alvo de zombarias e bullying, assumi o papel de um garoto quieto e inofensivo, com sorrisos gentis, e assim fui me tornando especialista em não me fazer notar.

No início, até tentei algumas dietas para perder peso, afinal era o que eu podia mudar, mas meu rosto continuava redondo e meu físico, robusto. Quando eu emagrecia, o corpo apenas se reduzia ligeiramente e eu não chegava a ficar elegante. Meus amigos até se preocupavam: “Koguma, está tudo bem com você?”, “Cara, você está parecendo doente”. Assim, em vez de ser um nanico tristonho e abatido, acabei optando por ser um nanico rechonchudo e com ar saudável.

Vivi dessa forma sem grandes problemas até começar a trabalhar. Foi quando as coisas ficaram ruins novamente. Por algum motivo, minha primeira função na corretora de imóveis foi no balcão de atendimento ao público. Nas outras corretoras, quem recebia os clientes e fazia a triagem inicial eram moças ou rapazes bonitos, então eu me perguntava: *Por que me colocaram aqui?*

Ao cumprimentar um cliente e lhe entregar meu cartão de visita, quase sempre eu ouvia risos. Vivia deprimido por zombarem da minha aparência e do meu nome.



PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A doceria mágica da Rua do Anoitecer" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).